

Parque da Tijuca terá mais ajuda

■ Empresas criam sociedade de amigos para recuperar o patrimônio da floresta

Quatro dias antes da assinatura do convênio entre os governos municipal, estadual e federal que definirá a co-gestão do Parque Nacional da Tijuca, a maior floresta urbana do mundo ganhou ontem mais uma importante ajuda. O prefeito César Maia assinou, à tarde, a ata de criação da Sociedade de Amigos do Parque Nacional da Tijuca, que reunirá grandes empresas do estado que aceitaram participar de um projeto para recuperar aquele trecho de Mata Atlântica.

A nova organização não governamental (ONG) pretende promover, articular e integrar os esforços das entidades civis e governamentais já envolvidas na proteção da floresta, o que — segundo a nova entidade — contribuirá para a preservação e ampliação do patrimônio histórico, cultural, paisagístico e científico que compõe o Parque Nacional da Tijuca. A Floresta da Tijuca é também uma das áreas de lazer preferidas do carioca.

União — A idéia da criação da sociedade surgiu numa reunião da Comissão Diretora do Plano Estratégico da Cidade, que é composta pelas empresas que integram a sociedade: **JORNAL DO BRASIL**, *Jornal do Comercio*, *O Globo*, Banco Icatu, Light, Associação Comercial do Rio de Janeiro, Federação das Indústrias do Rio de Janeiro (Firjan), White Martins, Grupo Ipiranga, Casas Sendas, grupo Brascan e Companhia Siderúrgica Nacional (CSN).

A Sociedade dos Amigos do

Parque da Tijuca, segundo o prefeito César Maia, vai integrar o conselho administrativo que será criado para gerir a floresta. O convênio de co-gestão, a ser assinado na próxima segunda-feira, Dia Mundial do Meio Ambiente, prevê a implementação de um projeto de saneamento e a reurbanização geral do parque.

A iniciativa inclui ainda a reabertura da Capela Mayrink à visitação pública, reformas nos três restaurantes localizados na floresta, além da instalação de um elevador que levará os visitantes à estátua do Cristo Redentor, evitando a subida dos 220 degraus. O convênio prevê também a cobrança de ingressos no acesso à Floresta da Tijuca, como foi adiantado pelo **JORNAL DO BRASIL** na edição do dia 23 de maio passado.

□ A Reserva Florestal do Grajaú, uma área verde de 550 mil metros quadrados, vai ganhar novos brinquedos e aparelhos de ginástica. A instalação, feita pela prefeitura do Rio, começou ontem e deve terminar hoje. A reabertura do parque está prevista para segunda-feira, Dia Mundial do Meio Ambiente. “Tinhamos uma média de seis mil visitantes por mês. Sem policiamento, o movimento caiu bastante, chegando a apenas 600 pessoas por mês”, disse o presidente da Sociedade de Amigos da Reserva do Grajaú, Rogério Leitão. A reserva, que é um dos melhores campos-escola de alpinismo do país, ganhará ainda um projeto de reflorestamento, já em estudo.



A maior floresta urbana do mundo, com suas cascatas e Mata Atlântica, ganhará diversas obras e passará a receber mais atenção das autoridades

Associações de bairro milionárias

■ Empresários dão novo perfil à luta dos moradores

RENATO FAGUNDES

O poder de barganha dos líderes de movimentos comunitários dos anos 90 pode ser medido em cifras. Deixando de lado a coloração política das antigas associações de moradores, algumas entidades resolveram partir para uma política de resultados, apostando em parcerias e investimentos no bairro onde atuam. Grupos como a poderosa Associação Comercial e Industrial da Barra da Tijuca (Acibarra) e a discreta Sociedade dos Amigos da Estrada da Paz e do Açude (Saepa) inauguram um novo padrão de ação comunitária, parecido com o das organizações não-governamentais.

Em comum, estas associações têm o fato de reunir nomes carimbados e lideranças empresariais. Além disso, o novo modelo apon-

ta para a eliminação das palavras de ordem. “Queremos fazer o governo entender que a Barra é um bairro diferenciado”, afirma Edson Rebelo dos Santos, dono da rede de pizzarias Personale e diretor-adjunto da Acibarra. Presidida por Ney Suassuna, a entidade reúne 900 empresários e evidencia suas diferenças investindo em parcerias.

Exemplos deste trabalho são a duplicação e a sinalização da Avenida das Américas e a implantação de um parque ecológico atrás do Barrashopping. A entidade bancou o custo do parque, de R\$ 1,5 milhão, e indenizou as 120 famílias que moravam na área.

Restrita a uma pequena e paradisíaca área do Alto da Boa Vista — onde moram, entre outros, o governador Marcello Alencar —, a Saepa tem como principal cartão de visitas seu presidente, Arthur Sendas, dono do Grupo Sendas, terceiro maior conglomerado do setor de supermercados do Brasil. Ele nega que

uma conta bancária recheada facilite o diálogo com o governo.

Posto — Acostumado a administrar o faturamento do Grupo Sendas — R\$ 900 milhões no ano passado —, Arthur Sendas se vira com muito menos na Saepa: cada um dos 100 associados paga meio salário mínimo por mês. Para lutar pela conservação da área, Sendas aposta no diálogo entre os moradores e em propostas objetivas. “Construímos um posto policial para que a PM pudesse garantir a segurança do bairro”, exemplifica.

O mais recente exemplo dos novos objetivos das entidades de bairro é a recém-criada Associação dos Amigos de Copacabana e Leme, que pretende investir nas parcerias e buscar apoio da iniciativa privada. A entidade tem em seus quadros nomes reluzentes do empresariado carioca e um setor só para a captação de recursos.

A mudança do movimento comunitário foi percebida por quem viu de perto o desmonte da antiga estrutura. Vice-presidente da Fe-

deração das Associações de Moradores do Rio (Famerj) de 1991 a 1993, o historiador Hélio Ricardo Porto acredita que a mudança aconteceu devido à incapacidade do antigo movimento comunitário de encontrar o seu papel num regime democrático. “A mobilização da sociedade como um todo virou figura de retórica. Agora, a ordem é resolver os próprios problemas sem se preocupar com o resto da cidade”, observa. A antes poderosa Famerj ficou atolada em meio a uma disputa entre partidos e perdeu a credibilidade com denúncias de corrupção.

Foi-se o tempo em que as associações faziam manifestações para serem ouvidas. Na última sexta-feira, por exemplo, a Acibarra realizou seu almoço mensal e o palestrante foi o secretário estadual de Transportes, Francisco Pinto. Na pauta, o caos no trânsito do bairro. Detalhe: para não atrasar, a Acibarra levou o secretário, de helicóptero, do Centro ao restaurante, na Barra. Foram seis minutos de voo.